A FUNÇÃO DO ENSAIO CORAL: TREINAMENTO OU APRENDIZAGEM?

Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo*

A atividade coral existe em várias regiões do mundo há muitos séculos. Esta prática esteve ligada durante muito tempo a atividades religiosas e sociais, e as pessoas que a realizavam eram especialmente preparadas para tais finalidades. Progressivamente na história da humanidade houve a integração de leigos na atividade coral. A socialização da atividade coral é um fenômeno típico do século XIX. O que havia sido uma atividade de profissionais, passou a ser uma atividade desenvolvida por aficcionados com intenções musicais como meio de formação, socialização e prática dos valores humanos.[1]

A socialização da atividade coral redimensionou os objetivos da sua prática de tal maneira que, ainda hoje, existem mais coros de leigos do que coros de profissionais. Aparentemente tal mudança aproximou o leigo da realização musical, mas gerou uma série de distorções, principalmente no que se refere à qualidade da prática coral, e no que diz respeito às diretrizes desse trabalho. Como conseqüência prevalece a quantidade sobre a qualidade; o aspecto social se impõe ao musical; o individualismo se sobrepõe ao trabalho e ao espírito de grupo.

Muitos aspectos estão em jogo quando se fala na realização musical de um coral. Todavia há um consenso de que o regente é o elemento catalisador do grupo e o elemento que tem ascendência sobre o grupo, que orienta e capacita os cantores na tentativa de uma realização musical expressiva. Assim, é natural esperar que a prática coral propicie um crescimento musical àqueles que dela participam. Fazer música deve ser o objetivo principal de um regente e de um coral.

Os critérios de trabalho do regente coral são extremamente pessoais e dependem do conhecimento e da percepção de questões de ordem musical, estética, psicológica e intelectual. Isto pode se desenvolver através de uma formação adequada. Um bom regente deve saber o que pretende musicalmente e como obter os resulados pretendidos. Uma boa formação pressupõe conhecimentos, vivência e experiência musicais, além de conhecimento pedagógico. Para que haja um bom regente é preciso que haja um bom músico sempre interessado em aprender.[2] O regente é o propiciador de um processo coletivo de aprendizagem musical que tem por objetivo a realização artística. Como regente, ou

*Aluno do Curso de Pós-Graduação — Mestrado em Música. UFRGS.

como mediador de tal processo, está diretamente envolvido com aspectos implícitos na prática coral, aspectos estes que, devido à sua importância, merecem ser investigados.

A competência musical por si só não é garantia de êxito em atividades que envolvam aprendizagem, visto que tais situações tem a sua ênfase na relação professor-aluno, e no caso de um coral, na relação regente-coralista. A pedagogia vocal e as técnicas de aprendizagem são importantes e, portanto, devem ser familiares ao regente para que ele possa transmitir com eficiência as informações necessárias à compreensão musical daquilo que se propõe a realizar.[3]

A ausência de conhecimento de tais técnicas pode conduzir a uma prática repetitiva e pouco musical, centralizada na figura do regente, desconsiderando o crescimento musical dos coralistas, estando estes a mercê do conhecimento, dos caprichos e até do humor do regente. Tal centralização inviabiliza o processo de aprendizagem musical, mitifica a figura do regente nutrindo um ego carismático.[4] A liderança e o carisma são necessários a um regente mas não a ponto de excluir o conhecimento de procedimentos didático-pedagógicos. A ausência de tais conhecimentos tem gerado uma situação que, de maneira geral, caracteriza a prática coral no Brasil: são poucos os grupos corais que chegam a resultados musicais satisfatórios; a ausência de qualidade é justificada por fatores externos como a falta de bons cantores, condições precárias de ensaio e a falta de partituras.

A aprendizagem depende de condições ambientais favoráveis, assim como condições sociais e materiais que facilitem e estimulem o trabalho.[5] Todavia, a presença de tais condições não garante a solução dos problemas. O grande problema desta questão é poder olhar claramente para a situação central de um coral. O regente orienta, os cantores aprendem — este é o centro da questão. A orientação está sendo assimilada? Se está havendo assimilação, compreensão, é fundamental que os mesmos critérios sejam observados na continuação do trabalho, mas, em geral, o que ocorre é uma sensível ascensão de um grupo e, em seguida, os problemas perturbam a continuidade a ponto de desarticular o grupo, interferindo na produção e na qualidade da produção. Nestas condições são feitas as conhecidas afirmações: muita gente nova entrou no grupo e não tem a mesma experiência dos que já cantam há mais tempo, ou ainda, as pessoas não tem objetivos claros e quando satisfazem sua necessidade ou sua curiosidade, saem do grupo.

Estes são problemas que indiscutivelmente interferem na trajetória bem sucedida de qualquer grupo coral. Porém, se invertêssemos as questões encontraríamos uma situação que poderia ser melhor abordada. Ao invés de se perguntar porque os coralistas saem, poderíamos pergun-

tar porque novos cantores com experiência não querem estar no grupo. Se as pessoas têm objetivos superficiais com relação ao trabalho, num primeiro momento, isto é aceitável. Mas deveria ser função de um coral delinear, caracterizar e definir estes objetivos, através de uma prática efetivamente sólida, que transformasse a atitude dos coralistas diante do trabalho desenvolvido. As fases boas e ruins de um coral se devem mais ao grupo de pessoas que dele fazem parte do que da atuação do regente. As estratégias usadas para os trabalhos do grupo não são suficientes para manter a fase boa, evitando ou diminuindo as fases ruins. O que orientar, como e quando orientar, são as tarefas fundamentais de um regente.

A ascenção de um grupo coral, pode ser vista como o resultado de uma motivação inicial que é natural em um grupo novo. O entusiasmo registrado nos primeiros ensaios tende a diminuir porque, terminada a novidade, as pessoas passam a incorporar esta atividade como parte da sua rotina. Ao diminuir o entusiasmo pela novidade, deveria aumentar o entusiasmo pela satisfação da realização musical. O entusiasmo inicial é mais uma euforia que vai sendo substituída pelo treinamento ou adestramento para realizar a tarefa de cantar. Abrir a boca, respirar cuidadosamente, falar textos em outras línguas, participar de concertos e recitais, vão se tornando atividades corriqueiras para um coralista, mas se estiver ocorrendo uma compreensão clara do ato de fazer música, estes aspectos que, aparentemente provocam monotonia, serão entendidos como circunstanciais, pois o mais importante é realizar a música da melhor maneira possível.

A repetição de tarefas, o treinamento exaustivo em determinadas passagens, a expectativa com relação ao produto final, transformam o coralista num mero repetidor que atua segundo a vontade do regente, tornando-se completamente dependente da sua ação. Faz parte da orientação musical, uma formação de conceitos básicos para que se entenda o porquê de fazer isto desta ou daquela maneira.[6] Além disso, existe o aspecto da interpretação individual em favor de um resultado coletivo. Cada ensaio, cada trecho executado, nunca terá a mesma realização. É preciso colocar a parcela ou a contribuição individual sobre o que se está cantando, de forma a favorecer um resultado cada vez melhor e ao mesmo tempo satisfazer a expectativa que pode gerar o crescimento musical de cada indivíduo. Para que isso ocorra, é preciso mais do que um treinamento. É necessária a compreensão do porquê e para que serve o treinamento.

O treinamento é necessário para suprir o grupo de condições mínimas para a realização musical. A qualidade da realização musical dependerá de um mínimo de compreensão, e esta — a compreensão musical

– do treinamento com conteúdo, ou seja, da aprendizagem. Mudança de comportamento através da experiência é aprendizagem e esta mudança implica no conteúdo adquirido para que se possa aplicar a mesma ação em diferentes situações.[7] Se o que foi aprendido em uma peça do repertório não pode ser transferido para outras peças, é porque a aprendizagem não foi eficiente e o que aconteceu foi um simples treinamento.

De acordo com a Gestalt a aprendizagem ocorre quando há uma reintegração do todo, há um preenchimento de algo que estava faltando.[8] Cada uma das peças do repertório deveria ser ensaiada como uma parte deste todo que vai ser integrado ao indivíduo, na medida em que as partes se encaixam para ter e dar sentido. Os objetivos do repertório de um coral estão voltados, na maioria das vezes, para os interesses pessoais do regente, ou para determinado acontecimento importante onde se precisa cantar. Normalmente, não há uma avaliação criteriosa sobre as condições reais do grupo, ou do que seria mais importante nesta fase de aprendizagem – haja visto que muitos dos corais brasileiros cantam certas obras que fazem parte de muitos acontecimentos do tipo encontros, festivais ou concursos de corais, e o resultado desta prática é, em geral, fraco e distorcido, porque nem todos os grupos têm condições técnicas e/ou musicais para realizar tais obras.

Realizar uma obra musical, não significa apenas poder cantar aproximadamente linhas melódicas escritas em uma partitura. A realização musical depende de vários fatores que interagem. Fazer música observando apenas notas corretas, ou afinação, ou exatidão rítmica, não caracteriza uma realização coral de qualidade. Há o aspecto do estilo que é fundamental para uma boa realização, assim como o equilíbrio de vozes e de timbres.[9] Tudo concorre para uma prática coral integral e significativa. A ausência de pontos importantes como os mencionados gera uma realização cada vez menos integrada, promovendo um resultado insatisfatório, que, por sua vez, se torna sem critério e desinteressante. A falta de referenciais, conduz a uma individualidade tanto de objetivos quanto de participação. Dessa forma, é muito difícil organizar e sistematizar um procedimento coral, pois, os indivíduos agem de maneira isolada e o sentido coletivo se perde. Daí surgem as preferências por este ou aquele tipo de música, que de alguma forma são identificadas como uma prática mais familiar.

A escolha do repertório determina grande parte do sucesso da aprendizagem de um grupo. Assim como, são aplicados de forma sistemática, os assuntos referentes à alfabetização, esta sistematização também deveria estar presente no ensaio coral, porque em diferentes níveis, ele é uma prática de alfabetização musical – deveria permitir ao iniciante

um domínio relativo do assunto em questão e, progressivamente o vocabulário, a sintaxe, a morfologia e a gramática, seriam incorporadas na medida do possível.[10] Esta seqüência natural de aprendizagem, é ignorada inúmeras vezes na prática coral para atender aos compromissos. Em função da participação em determinado evento é preciso incorporar obras no repertório do grupo que não são necessariamente aquelas que contribuiriam para o amadurecimento natural.

Muitas vezes as pessoas que cantam em um coral, dizem que estão ali pelo lazer, pelo relaxamento e pelo prazer que ocorre no trabalho. Existe uma tendência a considerar que a atividade coral não pode ser trabalhosa, e estratégias desenvolvidas para promover a aprendizagem são entendidos como cansativos e desnecessários. Se não há o entendimento do porquê de certos trabalhos, talvez esses trabalhos não estão sendo bem colocados. Portanto, se reforça a idéia da alfabetização tratada anteriormente, que deve ser progressiva e esclarecedora para motivar e interessar quem participa do processo. Repertório sem critério, exercício inadequados, apresentações como objetivo principal, vaidade, promoção, todos esses elementos contribuem para um trabalho assistemático.

Situações de desafio para um grupo podem ser altamente estimulantes e ao mesmo tempo frustrantes. Saber colocar obstáculos possíveis de serem vencidos pelo grupo é importante, mas depende, sobretudo, da visão e dos objetivos do regente acerca das possibilidades e limitações do grupo. A noção do individual e do coletivo em um grupo, é assunto de extrema importância: cada indivíduo deve estar apto para realizar sua tarefa e ao mesmo tempo deve abrir mão dessa individualidade em favor da realização do grupo como um todo. O regente não está isento desta obrigação e deve também abrir mão de interesses de ordem pessoal, de sua vaidade, em favor da possibilidade real do grupo, permitindo que a realização musical seja de fato o objetivo maior.

É preciso que se conscientize sempre o cantor, que o conteúdo musical da prática coral está em primeiro lugar. A socialização, o sucesso e a fama, fazem parte da trajetória de um grupo, mas não podem ser seu alicerce. Há inúmeras atividades envolvidas em um ensaio e cada uma delas deve ser desenvolvida sistematicamente, com objetivos claros que permitam que a música aconteça sempre como prioridade. Por exemplo, o aquecimento de voz é uma prática habitual em ensaios, mas os objetivos desta atividade não são necessariamente claros: a inadequação de certos vocalizes prejudicam o resultado vocal, ao invés de reforçar o resultado. O regente precisa saber fazer um bom aquecimento que contribua efetivamente para a realização do repertório. Na maioria dos ensaios, o regente ensina melodias, ou as corrige, mas nem sempre

o modelo vocal corresponde àquilo que ele gostaria de ouvir como resultado. É fundamental uma sólida preparação vocal do regente para que ele se torne um modelo eficiente a ser imitado.[11] A afinação de um grupo depende do conceito de afinação do regente e dos cantores: se um coral é desafinado, é porque os cantores não aprenderam efetivamente como produzir um som afinado. E mais uma vez, o regente é uma figura chave, pois, os modelos que ele oferece, devem ser afinados para fornecer aos cantores, uma referência segura que possa ser imitada. Assim deveria ocorrer com cada aspecto envolvido na prática coral, onde o regente necessita sistematizar o trabalho, estando preparado para desempenhar sua tarefa com total controle das diferentes situações que envolvem a sua atividade.

O ensaio coral deve ser um momento que promova aprendizagem e não simplesmente treinamento. O simples treinamento pode ser frustrado, quando as condições externas e/ou internas forem diferentes. Se houver aprendizagem, é possível que haja transferência de conteúdo aprendido para outras situações. Para que ocorra aprendizagem, é fundamental que haja a consciência de sua existência e que são necessárias técnicas específicas para promovê-la. As teorias da aprendizagem podem ser uma fonte riquíssima para a prática coral. Saber quais os melhores procedimentos para promover a aprendizagem, saber motivar, reforçar, avaliar, deveria ser assunto de domínio de um bom regente coral. Estas teorias podem se tornar definitivamente um aspecto imprescindível na formação do regente. Enquanto isso não ocorre, a prática coral está a mercê das potencialidades individuais de um grupo, do talento e do carisma dos regentes. Ao analisarmos um bom regente e um bom coral, observaremos que grande parte deste bom desempenho, está vinculado às técnicas de ensaio. Muitos regentes aplicam intuitivamente técnicas de aprendizagem, baseados na própria experiência. Estas técnicas poderiam ser aprofundadas com o objetivo de solidificar um procedimento coral que não fosse fruto do acaso ou da intuição de pessoas de bom senso.

Na formação do regente coral, deveria ser incluída a pedagogia vocal. Em vários países já existe esta abordagem e os resultados são comprovadamente bons. Talento e boa vontade tem sido os principais fatores que sustentam a atividade coral no Brasil, e por isso ela se encontra frágil e inconsistente. Os bons trabalhos tendem a desaparecer porque dependem de pessoas singulares que são exceção. Na medida em que se sustentar a prática coral em bases mais sólidas, o problema estará minimizado e parcialmente sob controle. Dessa forma, antes de se realizar uma prática casual, estará se concretizando uma atividade efetivamente útil e significativa.

É preciso fundamentar a prática coral, sistematizá-la de tal maneira, que se mude esta situação sempre inconstante da atividade coral no Brasil. O caminho seguro para esta mudança, pode ser encontrado através de subsídios pedagógicos que podem desempenhar um papel importante e decisivo na educação e na cultura musicais do nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AIAIZPURUA, P. *Teoria del conjunto coral*. Madrid, Real Musical, 1986. cap. 1.
02. GREEN, E.A.H. *The Modern Conductor*. New Jersey, Prentice Hall, 1987. p.1-2.
03. ROE, P.F. *Choral Music Education*. New Jersey, Prentice Hall, 1970. p.249-258.
04. SHEWAN, R. *Voice Training for the High School Chorus*. New York, Parker Publishing, 1973. p.199-201.
05. KUETHE, J.L. *O processo ensino-aprendizagem*. Porto Alegre, Globo, 1978, p.13-22.
06. ROBINSON, R. & WINOLD, A. *the Choral Experience*. New York, Harper's College Press, 1976. p.207-319.
07. CAGE, N.L. & BERLINER, D.C. *Educational Psychology*. Boston, Houghton Mifflin Company, 1988. p.229.
08. BIGGE, M.L. *Teorias da aprendizagem para professores*. São Paulo, E.P.U. e EDUSP, 1977. p.61-62.
09. GREEN, E.A.H. op. cit. p.191-193.
10. ROE, P.F. op. cit. p.258-291.
11. SHEWAN, R. op. cit. p.19-81.